

Determinantes do risco e implicações para a saúde nas práticas sexuais de homens que têm sexo com homens

HENRIQUE PEREIRA (*)

INTRODUÇÃO

Independentemente das categorias de identidade sexual disponíveis numa dada cultura e contexto social, a verdade é que as relações sexuais entre homens sempre ocorreram. No entanto, hoje em dia, o estudo das práticas sexuais dos homens que têm sexo com outros homens (HSH) reveste-se de uma importância crescente dadas as circunstâncias epidemiológicas associadas à transmissão do HIV/SIDA e outras doenças, que urge compreender melhor, na medida em que têm aumentado novamente os comportamentos de risco entre HSH (McFarland *et al.*, 2004), quer entre homens HIV positivos, quer entre homens HIV negativos (Prestage *et al.*, 2005).

A maioria dos estudos que se centram na investigação deste grupo de homens incide precisamente na área das implicações para a saúde. Por exemplo, Choi *et al.* (2004) verificaram que na sua amostra de HSH, 49% tinham práticas de sexo anal sem preservativo e que apenas 15% deles percepcio-

navam o risco de se infectarem com o HIV. De entre os HSH, cerca de 30% deles têm múltiplos parceiros (Lau *et al.*, 2002) com os quais têm sexo anal, muitas vezes desprotegido, bem como com profissionais do sexo (Girault *et al.*, 2004). Por seu turno, por terem que lidar com um stress acrescido devido ao facto das suas práticas serem minoritárias no seio das nossas sociedades conservadoras e homofóbicas, os HSM poderão recorrer à utilização de substâncias tóxicas em excesso o que, por sua vez, aumenta ainda mais a probabilidade de ocorrer uma prática de actividade sexual anal receptora desprotegida (Stueve *et al.*, 2002).

Outra dimensão importante no estudo das relações sexuais entre homens diz respeito à Internet. A Internet representa hoje em dia um local semi-privado de troca de contactos pessoais e sexuais, aonde os homens tendem a identificarem-se mais como bissexuais (Rhodes *et al.*, 2002), talvez devido ao facto de, entre outras possibilidades, anteciparem alguma rejeição social ou terem altos níveis de homofobia internalizada. Independentemente desse facto, mais de 75% dos HSH referem utilizar a Internet como fonte de informação sobre temáticas de natureza sexual, ao passo que 34% referem utilizar a Internet como meio de encontro e práticas sexuais (Benotsch *et al.*, 2002). Por outro lado, a

(*) Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior. E-mail: hpereira@ubi.pt

Internet pode surgir como um espaço de trocas sexuais intencionalmente desprotegidas, com o propósito de disseminar o HIV, tendo sido identificados homens especificamente interessados em passar o HIV (*bug givers*) e outros especificamente interessados em recebê-lo (*gift takers*) (Groves & Parsons, 2006).

A categoria dos HSH reúne características psicológicas e de saúde mental distintas dos homens em geral. Por exemplo, a prevalência de depressão é 17,2% mais elevada do que no resto dos homens adultos (Mills *et al.*, 2004), provavelmente devido à falta de companheiros estáveis, à reduzida identificação como homossexuais, experiências de discriminação e altos níveis de alienação e não sentido de pertença à comunidade gay, lésbica e bissexual (GLB). Por exemplo, alguns autores chamam a atenção para o facto de muitos HSH utilizarem o sexo como um regulador do humor, nomeadamente entre aqueles homens que se sentem mais deprimidos e ansiosos (Bancroft *et al.*, 2003a). Contudo, têm surgido outras variáveis que poderão estar correlacionadas com a exposição a algum risco, nomeadamente a imagem corporal e a obesidade (Kraft *et al.*, 2006), indicando por exemplo, que são os homens com peso e imagem corporal ajustados, aqueles que mais sexo desprotegido têm.

Outra dimensão que se encontra na literatura relativamente às práticas sexuais entre homens, diz respeito ao abuso sexual infantil. Apesar de ainda haver muita controvérsia a este respeito, os estudos apontam para uma prevalência significativa de abuso sexual infantil entre HSH, rondando os 30% a cifra dos homens que tiveram experiências sexuais antes dos dezasseis anos de idade com alguém pelo menos cinco anos mais velho, experiências estas que foram avaliadas por 49% dos homens como negativas, coercivas e/ou abusivas (Dolezal & Carballo-Diequez, 2002; Stanley, Bartholomew & Oram, 2004).

Outros factores de natureza demográfica podem também influenciar o modo como os HSH se sentem, como por exemplo, a proveniência geográfica. No seu estudo com homens provenientes de meios rurais, Preston *et al.* (2004) verificaram que a auto-estima de 47% dos homens estava comprometida, decorrente sobretudo da necessidade de lidar com o estigma neste tipo de contextos sociais.

Por outro lado, o comportamento homossexual desempenha um importante papel no processo de identificação homossexual na medida em que, a

sequência através da qual os indivíduos reconhecem as suas atracções homoeróticas, pode ser centrada no sexo (identificação homossexual após os primeiros contactos homossexuais) ou centrada na identidade (identificação homossexual sem contactos sexuais prévios) (Dube, 2000). Afinal, há homens que tendo um comportamento homoerótico, podem não identificar-se como homossexuais e vice-versa.

Já Adam (2000) procurou níveis de satisfação associados à sexualidade de homens que tinham sexo com outros homens, mas que se identificavam de modo diferente entre si (variando entre gay, bissexual e não-gay). Os resultados revelaram que os discursos sexuais destes homens indicavam alguns critérios comuns no que diz respeito à categorização de si mesmos e dos outros face à categoria “gay”. O termo referia-se a um discurso elaborado à volta do potencial envolvimento emocional e relacional e não tanto à volta de uma expressão sexual essencial. Assim, os homens que se incluíam na categoria “gay” mostravam maiores possibilidades num horizonte de vida contextualizado num processo de construção identitária.

Concluindo, verifica-se que poderão estar presentes vários factores que contribuem para a manutenção (ou não) da saúde dos HSM, nomeadamente o tipo de práticas sexuais e as circunstâncias em que estas ocorrem, especificidades ao nível da saúde mental, o abuso sexual ou as dimensões identitárias e, finalmente, as vicissitudes decorrentes da utilização da Internet como um espaço potenciador do risco. Assim, explorar os determinantes e implicações para a saúde entre HSH torna-se essencial, na medida em que as consequências inerentes podem condicionar a vivência de uma sexualidade mais saudável neste grupo de homens. Tal como nos dizem Myers *et al.* (2003), compreender a qualidade destas implicações é fundamental, pois os homens que se sentem pior com a sua sexualidade tendem a ter comportamentos sexuais de maior risco. Mais especificamente, parecem estar envolvidos no processo de busca sexual, factores de propensão para a excitação ou inibição sexuais consoante estão ou não presentes sentimentos de ameaça e respectivo modo de percepção (Bancroft *et al.*, 2003b).

Apesar dos estudos atrás explorados, não existem na literatura referências específicas àquilo que constitui a natureza do comportamento sexual entre HSH, e muito menos em Portugal. Assim, para pre-

encher esta lacuna, desenvolveu-se o presente trabalho, cujo objectivo é avaliar aquilo que os HSH fazem em termos comportamentais sexuais, focalizando no comportamento sexual de risco, seus determinantes e implicações para a saúde. Os resultados obtidos trarão um conhecimento mais aprofundado sobre esta área, o que terá implicações importantes ao nível do estabelecimento de programas específicos de prevenção e promoção da saúde que sejam dirigidos a HSM, mas também acarretará importantes implicações para a prática clínica, na medida em que possibilitarão um melhor direccionamento das intervenções.

MÉTODO

Amostra

Participaram neste estudo 338 homens utilizadores da Internet e que mantinham relações sexuais com outros homens. A faixa etária média foi entre os 31 e os 35 anos. 42% dos homens provêm da Grande Lisboa, ao passo que 18% provêm de centros urbanos do centro do país e 7,7% provêm do Grande Porto.

Quanto à auto-identificação face à orientação sexual, 70% dos homens identificaram-se como homossexuais, 24% como bissexuais, 0,6% como heterossexuais e 4,4% não se identificaram com nenhuma categoria.

No que diz respeito à atracção sexual, 52% dos homens referiu atracção sexual apenas por pessoas do mesmo sexo, 36% maioritariamente por pessoas do mesmo sexo, 8% pelos dois sexos de igual modo, 3,6% maioritariamente por pessoas do sexo oposto e 0,3% apenas por pessoas do sexo oposto.

Relativamente à auto-identificação face ao papel no acto sexual, 55% dos homens identificaram-se como versáteis, 23% como activos, 15% como passivos e 7% não se identificaram com nenhuma categoria.

Finalmente, verificou-se que da totalidade dos homens na presente amostra, 41,37% disseram ter um namorado ou companheiro no momento actual, ao passo que 58,63% disseram não ter.

Instrumentos

Utilizou-se no presente estudo, o Questionário Socio-demográfico (que permitiu caracterizar a

amostra) e o Questionário de Avaliação dos Comportamentos e Emoções Sexuais entre HSH, constituído por 39 itens de escolha múltipla. As dimensões avaliadas foram as seguintes: masturbação, relacionamentos afectivos, número de parceiros, com quem e onde acontecem as relações sexuais, sexo coactivo, motivações e respostas emocionais face ao sexo e práticas sexuais propriamente ditas. Os dois questionários estiverem disponíveis num site da Internet construído para o propósito desta investigação.

Procedimentos

Tal como já foi referido, a concretização da recolha dos dados foi efectuada por recurso à Internet. A publicitação do site construído para o efeito e onde estavam alojados os instrumentos foi efectuada através de vários meios, nomeadamente pela inscrição em comunidades virtuais, pelo envio de e-mail solicitando a participação a *mailing lists* de grupos temáticos, e pela inscrição portais mundiais de temática gay. Foi tida em conta tendo uma acomodação linguística, própria do trato entre cibernautas. O pedido de colaboração dos participantes preservou todas as condições tradicionais da pesquisa científica, nomeadamente o consentimento informado, o anonimato e a confidencialidade. Para o tratamento dos dados, recorreu-se à análise estatística descritiva tradicional e, para a análise inferencial, procedeu-se à análise de variância.

RESULTADOS

Práticas gerais

Em média, os homens da presente amostra iniciaram a vida sexual aos dezoito anos de idade. Relativamente à estimativa do número de relações sexuais tidas no decurso no ano anterior, obteve-se uma variação entre o número mínimo de zero e o número máximo de 5000. Apesar da disparidade entre esta variação, o número médio foi de 100,41 relações, a mediana 34 e a moda 100.

No entanto, quando questionados sobre o número de relacionamentos estimados no decorrer do último ano, obteve-se uma variação entre zero e 1000, sendo o número médio 17,19 parceiros, o número mediano de 3 e a moda foi de um parceiro.

Neste momento actual da sua vida, 45,6% dos indivíduos referiram ter relações sexuais com um parceiro estável, ao passo que 23,1% referiram ter relações sexuais com desconhecidos e 16,1% referiram ter relações sexuais com amigos.

A maioria dos indivíduos (28,13%) indicou a excitação e o divertimento como a principal razão para ter sexo. 24,5% deles referiu a obtenção de satisfação física, ao passo que 22% referiu o facto de isso permitir dar-se com pessoas. Por outro lado, quando avaliadas as reacções emocionais após um relacionamento sexual a maioria dos indivíduos (46,48%) referiu sentir-se satisfeito, 23,55% relaxado e 12,54% contente.

Percepção do risco

Na exploração do que é praticar sexo seguro, verificou-se que a esmagadora maioria dos homens (93%) considera que essa prática envolve a utilização do preservativo (Figura 1).

Exploraram-se as expectativas de ter uma relação sexual no futuro face às circunstâncias de essa relação ser ou não segura. Se para a esmagadora maioria dos homens (mais de 76%) o sexo só ocorrerá com a utilização de preservativo, os restantes terão uma relação sexual sem preservativo (Figura 2).

Práticas sexuais e seus determinantes

Os resultados do presente estudo revelaram que

51,07% dos homens inquiridos não utilizou um preservativo durante a sua primeira relação sexual, devido principalmente ao facto de não terem informação sobre os preservativos (28,82%) ou devido ao facto de não estarem à espera de a relação acontecer (28,82%). Verificou-se igualmente que a maioria dos indivíduos na sua primeira relação sexual heterótica praticou sexo anal e oral (29,2%), seguindo-se a prática da masturbação mútua (19,6%) e as carícias/esfreganços (18,1%) (Figura 3).

De modo a compreender os determinantes dessa não utilização, procedeu-se a uma análise inferencial para estimar eventuais diferenças significativas na comparação entre os homens do grupo de utilizou preservativo e os homens do grupo que não utilizou.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas para o sexo coactivo ($F(1;307)=6,66$; $p=0,010$), que indicam que no grupo dos homens que tiveram sexo coactivo, o preservativo foi menos utilizado (12,62%) (Figura 4), sendo também aqueles que tiveram exposição à coacção de forma continuada no tempo (várias vezes ou durante muito tempo, 20,34% e 8,47%, respectivamente) aqueles que menos utilizaram o preservativo ($F(1;57)=5,03$; $p=0,029$) (Figura 5).

Relativamente às práticas sexuais propriamente ditas, verificou-se que quem mais pratica “sempre” sexo oral de forma receptora (16,20%) são os homens que não utilizaram preservativo quando comparados com aqueles que o utilizaram ($F(1;319)=6,63$; $p=0,010$) (Figura 6).

FIGURA 1
Resultados para “O que considera a prática de sexo seguro” (n=338)



FIGURA 2
Resultados para as expectativas face à próxima relação sexual (n=338)

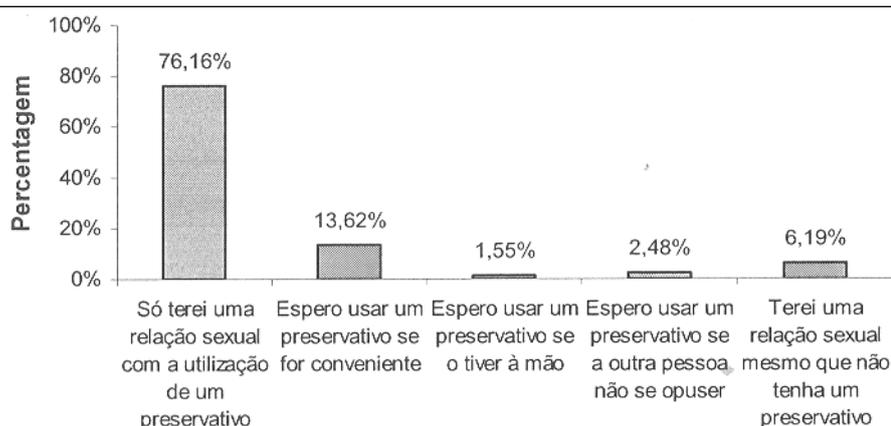
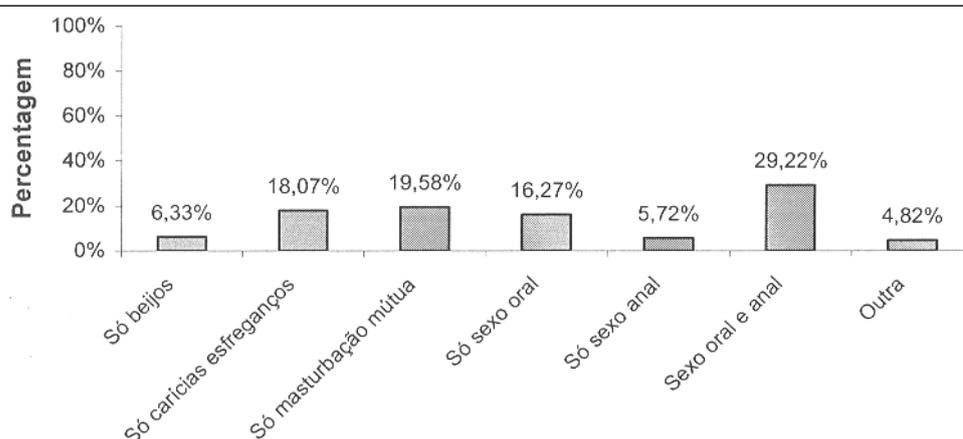


FIGURA 3
Resultados para o que consistiu a primeira relação sexual de natureza homoerótica (n=338; mediana = só sexo oral)



Foram ainda exploradas eventuais diferenças para outras práticas sexuais, nomeadamente, o sexo anal (passivo ou activo), mas não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significativas.

No que diz respeito às expectativas futuras face à utilização de um preservativo na sua próxima relação sexual, verificou-se que aqueles homens que não utilizaram preservativo esperam continuar

a não fazê-lo (7,89% apenas se for conveniente e 5,05% mesmo sem preservativo), quando comparados com os homens que utilizaram preservativo ($F(1;315)=7,71$; $p=0,006$) (Figura 7).

Finalmente, obtiveram-se resultados estatisticamente significativos ($F(1;323)=6,37$; $p=0,012$) na comparação entre grupos de homens que utilizaram e não utilizaram preservativo no que diz respeito ao papel adoptado durante o acto sexual, sendo que

FIGURA 4
Resultados estatisticamente significativos na comparação entre os indivíduos que utilizaram ou não preservativo e tiveram sexo contra a sua vontade
(n=338; F(1;307)=6,66; p=0,010)

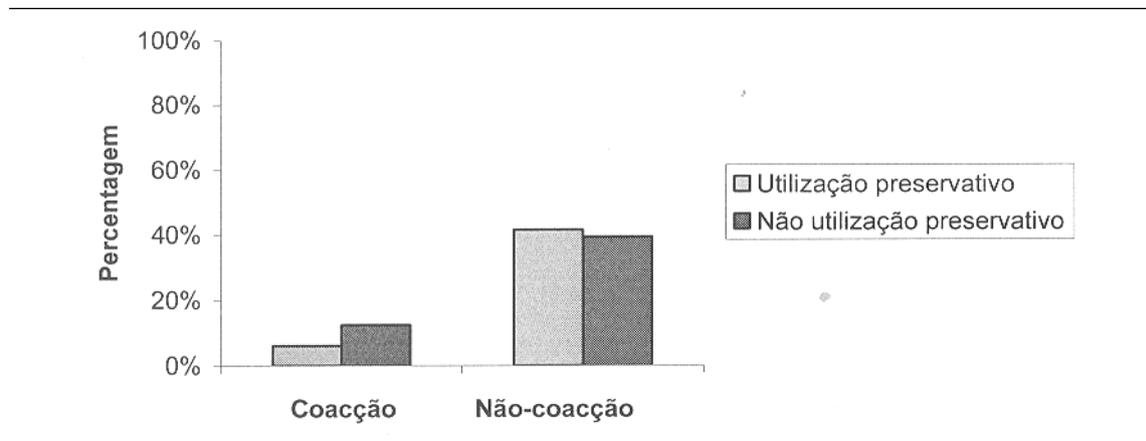


FIGURA 5
Resultados estatisticamente significativos na comparação entre os indivíduos que utilizaram ou não preservativo e praticaram sexo contra a sua vontade de acordo com as circunstâncias descritas
(n=338; F(1;57)=5,03; p=0,029)

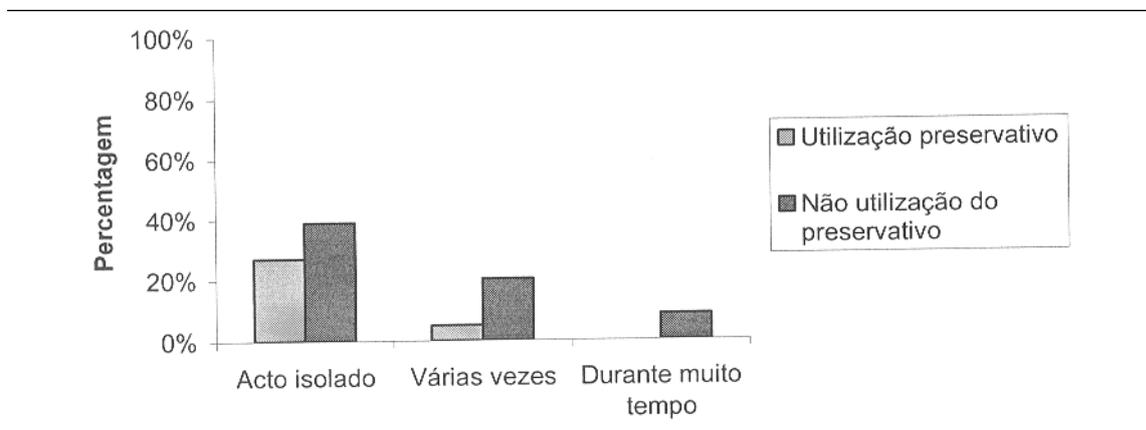


FIGURA 6

Resultados estatisticamente significativos na comparação entre os indivíduos que utilizaram ou não preservativo e introduziram o pênis do parceiro na sua boca (n=338; F(1;319)=6,63; p=0,010)

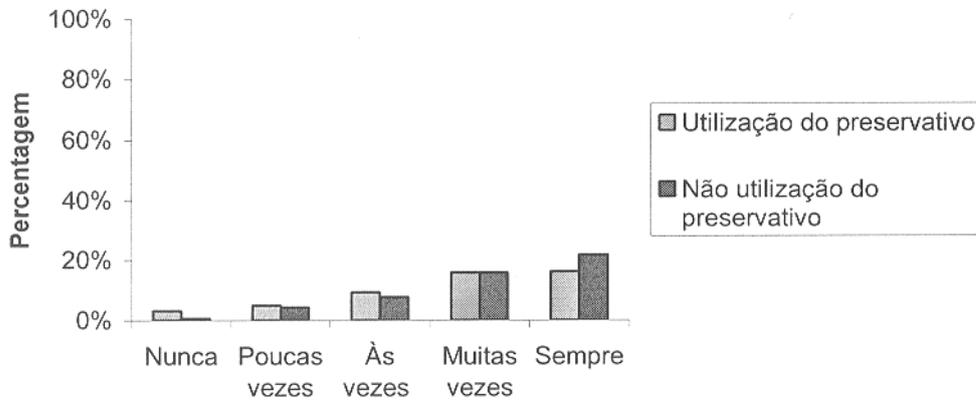


FIGURA 7

Resultados estatisticamente significativos na comparação entre os indivíduos que utilizaram ou não preservativo e as expectativas face à utilização de preservativos na próxima relação sexual (n=338; F(1;315)=7,71; p=0,006)

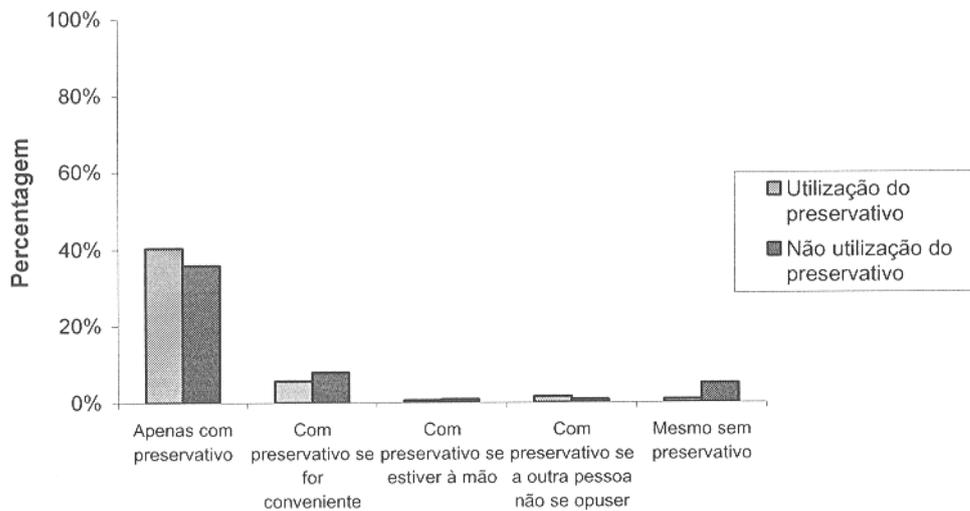
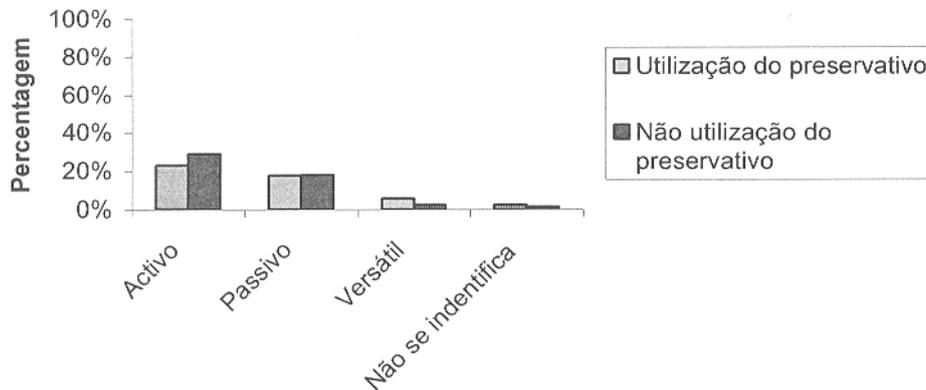


FIGURA 8

Resultados estatisticamente significativos na comparação entre os indivíduos que utilizaram ou não preservativo e a identificação face ao papel sexual (n=338; F(1;323)=6,37; p=0,012)



são os homens que se identificaram mais como activos (29,23%), aqueles que menos utilizaram preservativo (Figura 8).

DISCUSSÃO

No presente estudo, verificou-se que a grande maioria dos homens apresentam bons níveis de satisfação com a expressão da sua sexualidade no contacto homoerótico. Esta situação pode dever-se ao facto de, muitos deles terem, no momento presente, relações significativas que podem funcionar como fontes de gratificação e prazer, para além de uma eventual fonte de suporte social. Por outro lado, o facto de a maioria deles se identificarem como homossexuais pode ser indicador de baixos níveis de homofobia internalizada que, por sua vez, contribuem para uma vivência mais integrada e, logo, mais satisfatória da sua sexualidade homoerótica, mesmo que as principais razões para terem sexo sejam a excitação e o divertimento.

No entanto, obtiveram-se alguns dados que se apresentam como preocupantes, merecendo, portanto, uma atenção mais cuidada. O facto de mais de metade da amostra ter tido uma primeira relação sem a utilização do preservativo, apontando como causas o não ter informação ou o não estar à espera que acontecesse, relembra a importância de se

reinvestir na promoção da saúde sexual, nomeadamente em campanhas de educação para a saúde sexual, que sejam específicas, neste caso, direccionadas para os HSH. Reforçando esta ideia, se 93% dos homens consideraram que a utilização do preservativo representa uma prática de sexo seguro, apenas 76% referiram a expectativa de ter uma relação sexual futura com preservativo.

O facto de 51,07% dos homens não ter utilizado preservativo numa primeira relação sexual indica que, de facto, existe uma grande discrepância entre aquilo que é a percepção do risco de contaminação pelo HIV e outras doenças, e a adopção de um comportamento em conformidade, neste caso, a utilização do preservativo.

Relativamente à prevalência do abuso sexual, uma percentagem de 18% de homens referiram terem sido obrigados à prática de relações sexuais contra a sua vontade, apesar de na maioria dos casos esta situação representar um acto isolado. Apesar de serem resultados inferiores aos encontrados na literatura (Dolezal & Carballo-Díez, 2002; Stanley, Bartholomew & Oram, 2004), o facto de terem sido os homens que tiveram uma exposição a esse abuso de forma continuada aqueles que não utilizaram preservativo, sugere que o abuso poderá ter tido um impacto significativo no funcionamento psicológico destes indivíduos, nomeadamente algum dano na integridade emo-

cional que levasse à adopção de comportamentos confirmatórios desse dano, nomeadamente, a auto-estima. Fica por responder se a prática do sexo desprotegido se ficou a dever à imposição da coacção ou, por exemplo, à falta de informação ou indisponibilidade de preservativos, por exemplo.

Provavelmente, estarão presentes variáveis próximas do exercício do Poder (próprias da coacção), dado que foram os homens que tiveram exposição ao sexo coactivo várias vezes ou durante muito tempo, aqueles que não utilizaram o preservativo. De novo, urge repensar as campanhas de prevenção do abuso sexual, bem como a necessária sensibilização para a eventual necessidade de intervenção reparadora do trauma associado ao abuso.

A percepção do risco também poderá ter um papel determinante na adopção ou não de um comportamento de risco entre HSH, particularmente no que diz respeito ao sexo oral. No entanto, apesar de terem sido mais os homens que não utilizaram preservativos aqueles que mais “sempre” introduziram o pénis do seu parceiro na sua boca, isto poderá corresponder a uma prática percebida como isenta de risco, quando ele existe, embora mais reduzido do que, por exemplo, a prática de sexo anal desprotegida.

Um dado que importa também reter diz respeito à discrepância entre os homens que utilizaram preservativo e aqueles que não o fizeram e a expectativa de utilizar um preservativo numa próxima relação sexual. Se, por um lado, 35,96% dos homens mesmo tendo tido uma primeira relação sexual desprotegida, esperam, no futuro, ter uma relação apenas com preservativo, por outro, 5,05% dos homens que não utilizaram preservativo, esperam continuar a ter relações sem a sua utilização. A mediar este tipo de expectativa, poderão estar presentes crenças e percepções de saúde desfasadas; intencionalidade na exposição ao risco (Groß & Parsons, 2006) ou simplesmente o facto de 46% dos homens referir que tem parceiros estáveis nas suas práticas sexuais presentes, o que pode indicar algum tipo de compromisso de confiança, baseado na exclusividade sexual e consequentes práticas sexuais desprotegidas.

Finalmente, é de realçar o facto poderem estar a determinar ou não a adopção de comportamentos seguros nas práticas sexuais dos HSH, variáveis de natureza psicossocial, decorrentes das representações sociais e dos estereótipos vigentes sobre quem é quem e quem faz o quê entre HSH. Através

da actualização destas variáveis, os comportamentos de risco podem ganhar representatividade, como se constata no presente estudo, aonde se verificou que foram os homens que adoptaram posições activas no acto sexual aqueles que não utilizaram preservativo, provavelmente por acreditarem que, não sendo receptores, estariam invulneráveis.

Os resultados deste estudo mostram que os HSH até podem ter algumas motivações hedonistas relativamente às razões para se terem relações sexuais, mas também existem muitos homens que apresentam motivações de natureza relacional. Importa referir que a esmagadora maioria dos homens revela reacções emocionais positivas, nomeadamente a satisfação, o relaxamento, o contentamento e a libertação. Estes sinais podem ser indicadores de uma vivência positiva da sexualidade dos indivíduos, com baixos níveis de homofobia internalizada.

Como principais limitações do estudo, apontam-se a ausência de estudos prévios sobre as variáveis em questão no nosso país e também o facto da obtenção dos participantes se ter cingido ao universo dos utilizadores da Internet, tendo ficado de fora aqueles homens que não puderam ou não quiseram aceder à Internet, local aonde se encontrava o instrumento.

Apesar do presente estudo vir preencher uma lacuna no âmbito da investigação na área da sexualidade humana, seria pertinente, no futuro, alargar o estudo a uma população de HSH mais abrangente e diversificada, que não se restringisse à população dos homens utilizadores da Internet. Os contextos nocturnos, as saunas masculinas, os parques e jardins e sanitários públicos poderão ser locais aonde a natureza das práticas e respectivas reacções emocionais dos HSH possa ser diferente, o que permitiria adquirir uma compreensão mais profunda desta população e, assim, desenvolver programas de prevenção e promoção da saúde sexual específicos, em função das necessidades detectadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, B. D. (2000). Love and Sex in Constructing Identity Among Men Who Have Sex with Men. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 5 (4), 325-339.

- Bancroft, J., Janssen, E., Strong, D., & Vukadinovic, Z. (2003a). The Relation Between Mood and Sexuality in Gay Men. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (3), 231-242.
- Bancroft, J., Janssen, E., Strong, D., Carnes, L., Vukadinovic, Z., & Long, J. S. (2003b). Sexual Risk-Taking in Gay Men: The Relevance of Sexual Arousal, Mood, and sensation seeking. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (6), 555-572.
- Benotsch, E. G., Kalichman, S., & Cage, M. (2002). Men who have met sex partners via the Internet: Prevalence, predictors, and implications for HIV prevention. *Archives of Sexual Behavior*, 31 (2), 177-183.
- Choi, K.-H., Gibson, D. R., Han, L., & Guo, Y. (2004). High levels of unprotected sex with men and women among men who have sex with men: A potential bridge of HIV transmission in Beijing, China. *AIDS Education and Prevention*, 16 (1), 19-30.
- Dolezal, D., & Carballo-Diequez, A. (2002). Childhood sexual experiences and the perception of abuse among Latino men who have sex with men. *The Journal of Sex Research*, 39 (3), 165-174.
- Dube, E. (2000). The role of sexual behavior in the process of gay and bisexual males. *The Journal of Sex Research*, 37 (2), 123-133.
- Girault, P., Saidel, T., Song, N., Van Wijngaarden, J. W. L., Dallabetta, G., Stuer, F., Mills, S., Or, V., Grosjean, P., Glaziou, P., & Pisani, E. (2004). Hiv, Sti's, and sexual behaviors among men who have sex with men in Phnom Penh. *AIDS Education and Prevention*, 16 (1), 31-44.
- Grov, C., & Parsons, J. T. (2006). Bug Chasing And Gift Giving: The Potential For Hiv Transmission Among Barebackers on the internet. *AIDS Education and Prevention*, 18 (6), 490-503.
- Kraft, C., Robinson, B. E., Nordstrom, D. L., Bockting, W. O., & Rosser, B. R. S. (2006). Obesity, Body Image, and Unsafe Sex in Men who have Sex with Men. *Archives of Sexual Behavior*, 35 (5), 587-595.
- Lau, J. T. F., Siah, P. C., Tsui, H. Y., & Phil, M. (2002). A study of the STD/AIDS related attitudes and behaviors of men who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 31 (4), 367-373.
- McFarland, W., Chen, S., Weide, D., Kohn, R., & Klausner, J. (2004). Gay asian men in San Francisco follow the international trend: increases in rates of unprotected anal intercourse and sexually transmitted diseases. *AIDS Education and Prevention*, 16 (1), 13-18.
- Mills, T. C., Paul, J., Stall, R., Pollack, L., Canchola, J., Chang, Y. J., Moskowitz, J. T., & Catania, J. A. (2004). Distress and Depression in Men Who Have Sex With Men: The Urban Men's Health Study. *The American Journal of Psychiatry*, 161 (2), 278-285.
- Myers, H. F., Javanbakht, M., Martinez, M., & Obediah, S. (2003). Psychosocial predictors of risky sexual behaviors in African American men: Implications for prevention. *AIDS Education and Prevention*, 15 (1), 66-79.
- Prestage, G., Mao, L., Fogarty, A., & Van de Ven, P. (2005). How has the sexual behaviour of gay men changed since the onset of AIDS: 1986-2003. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 29 (6), 530.
- Preston, D. B., D'Augelli, A., Kassab, C. D., Cain, R. E., Schulze, F. W., & Starks, M. T. (2004). The influence of stigma on the sexual risk behavior of rural men who have sex with men. *AIDS Education and Prevention*, 16 (4), 291-303.
- Rhodes, S. R., DiClemente, R. J., Kenneth, H. C., Hergenrather, C., & Yee, L. J. (2002). Risk among men who have sex with men in the United States: A comparison of an Internet sample and a conventional outreach sample. *AIDS Education and Prevention*, 14 (1), 41-50.
- Stanley, J. L., Bartholomew, K., & Oram, D. (2004). Gay and Bisexual Men's Age-Discrepant Childhood Sexual Experiences. *The Journal of Sex Research*, 41 (4), 381-390.
- Stueve, A., O'Donnell, L., Duran, R., San Doval, A., & Geier, J. (2002). Being high and taking sexual risks: Findings from a multisite survey of urban young men who have sex with men. *AIDS Education and Prevention*, 14 (6), 482-495.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender que variáveis parecem estar implicadas na adopção de um comportamento sexual de risco entre homens que têm sexo (HSH) com homens. Para tal, delineou-se uma investigação com 338 HSH (independentemente de se identificaram ou não como gays, bissexuais ou heterossexuais), tendo sido utilizados o Questionário Socio-demográfico e o Questionário de Avaliação dos Comportamentos e Emoções Sexuais entre HSH, constituído por 39 itens de escolha múltipla. Os dados foram submetidos a uma análise inferencial, o que permitiu compreender que os homens que tiveram uma primeira relação sexual sem se protegerem foram também aqueles que tiveram exposição a práticas sexuais coactivas, aqueles que praticam sempre sexo oral, aqueles que têm a expectativa de continuar a ter uma relação sexual mesmo sem preservativo e os homens que adoptam papéis mais activos no acto sexual. As implicações dos resultados obtidos são discutidas.

Palavras-chave: Comportamento sexual, risco, homens que têm sexo com homens.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand which variables seem to be implicated in the adoption of risky sexual behaviour among men who have sex with men (MSM). 338 MSM participated in the study (whether identified as gay, bisexual or straight), and the following instru-

ments were utilized: socio-demographic questionnaire and the Questionnaire of Sexual Behaviour and Emotions, with 39 items. The data were submitted to an inferential analysis, which allowed the understanding of the fact that those men who had a first unprotected sexual relation were also those who had exposure to coercive sex, who

always practise oral sex, who expect to continue to have sex even if a condom is not available, and those who adopt top positions in sexual activity. The implications of these results are also discussed.

Key words: Sexual behaviour, risk, men who have sex with men.